

Democracia e o SUS: pensando caminhos para resistir

Ao nos determos na análise histórica da construção da sociedade brasileira, podemos facilmente concluir que o governo democrático foi uma conquista estruturante, sendo importante reconhecer que essa não apenas configura uma forma de escolha dos governantes ou um mero modelo representativo de governo, mas, acima de tudo, a democracia tem se incorporado nessa sociedade como um valor.

Como uma das expressões do estado democrático de direito, o Sistema Único de Saúde (SUS) mantém-se firme e resistindo, tendo como substrato os princípios democráticos, mesmo diante do aumento dos desafios a sua manutenção e evolução. Os desafios são de múltiplas dimensões: econômico, político, no campo da formação, na conservação das conquistas e também na ampliação dos serviços e de todo o corpo estruturante do SUS como ainda nos seus fundamentos legais e teóricos.

Mesmo apresentando fragilidades, o sistema de saúde brasileiro tem se mostrado uma referência para o mundo no que tange a sistemas de saúde públicos, universais e gratuitos. Com isso, configura-se em uma das maiores políticas públicas de saúde do mundo, sendo responsável por mudanças importantes, tanto no aumento da oferta dos serviços, como na forma pela qual os serviços de saúde são oferecidos à população, o que repercute na forma de impactos significativos na qualidade de vida dos brasileiros.

Em tempo, o Brasil passa por uma crise ética, econômica e de valores que tem reverberado em diferentes dimensões da vida e das políticas públicas, em particular no sistema de saúde nacional. No contexto de fragilização da saúde, um caminho para o enfrentamento envolve a capacidade das instituições e dos diferentes agentes públicos em se integrarem e trabalharem cooperativamente a fim de se fortalecerem e assumirem uma condição de maior resiliência para a superação criativa e solidária do cenário limitante tanto no curto como no médio prazo. Outra estratégia fundamental passa por engajar cada vez mais a sociedade para que compreenda e assuma a condição de parceira no enfrentamento desta grave crise.

Como bem dizia Paulo Freire¹, ao discorrer sobre a missão dos educadores, deve-se fomentar a mobilização e organização do povo, sobretudo dos mais necessitados, no intuito de que eles, de fato, conquistem sua autonomia, emancipação e cidadania. Talvez seja esse um caminho, ou o caminho, para se ampliar as possibilidades de diálogo, reflexão e empoderamento em um contexto social e político tão desafiador para o SUS.

Nós, profissionais da saúde, portanto, devemos continuar acreditando que o SUS é uma conquista do povo brasileiro e que muito ainda precisa ser feito para garantir sua conservação e ampliação. Estar em prontidão e mobilizados é uma das estratégias necessárias para não permitir retrocessos em uma política pública tão importante para milhões de brasileiros.

Em meio a esse contexto desafiador, convidamos aos leitores para se deleitarem nas reflexões apresentadas pelos artigos que compõem o n.2, de 2018, da SANARE – Revista de Políticas Públicas.

Boa leitura!

José Jeová Mourão Netto

Enfermeiro, Mestre em Saúde da Família pela Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF)/

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Coordenador das Câmaras Técnicas do Conselho Regional de Enfermagem - CE

REFERÊNCIA

1. Freire P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1970.